

SUE
MONK
A VIDA KIDD
SECRETA
DAS ABELHAS

Tradução

MARIA IGNEZ DUQUE ESTRADA

pa
ra
le
la

Copyright © 2002 by Sue Monk Kidd
Copyright da tradução © 2004 by Ediouro Publicações Ltda.

Todos direitos reservados.

A edição original foi publicada em acordo com Viking Penguin, membro da Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Secret Life of Bees

CAPA estúdio insólito

IMAGEM DE CAPA © Luka/ Corbis/ Latinstock

PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kidd, Sue Monk

A vida secreta das abelhas / Sue Monk Kidd ; tradução
Maria Ignez Duque Estrada. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2014.

Título original: The Secret Life of Bees

ISBN 978-85-65530-57-6

1. Romance norte-americano I. Título.

14-03919

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaolector@editoraparalela.com.br

A rainha, por sua vez, é a força unificadora da comunidade; se for retirada da colmeia, as operárias logo sentem a ausência. Depois de algumas horas, ou até menos tempo, elas mostram inconfundíveis sinais da falta de liderança.

Man and Insects

À noite eu me deitava na cama e ficava assistindo ao espetáculo: as abelhas espremendo-se nas frestas das paredes do meu quarto e voando em círculos, com um ruído de hélice, um zumbido em tom alto que atravessava a minha pele. Eu observava as asas brilhando como pedacinhos de cromo no escuro e sentia uma ânsia subir-me no peito. O modo como aquelas abelhas voavam, sem ao menos procurar uma flor, somente para sentir o vento, cortava meu coração.

Durante o dia eu as ouvia fazendo um túnel pelas paredes do quarto, soando como um rádio com estática no quarto ao lado, e as imaginava transformando as paredes em favos e o mel escorrendo para que eu o provasse.

As abelhas chegaram no verão de 1964, o verão em que fiz catorze anos de idade e quando a minha vida passou a girar em uma nova órbita, isso mesmo, em *uma nova órbita*. Relembrando agora tudo que aconteceu, acho que as abelhas foram enviadas para mim. Acho que elas apareceram como o anjo Gabriel apareceu à Virgem Maria, criando acontecimentos que eu nunca imaginaria que ocorressem. Sei que é pretensioso comparar minha vidinha com a dela, mas tenho razões para acreditar que ela não se importaria com isso. Explicarei isto mais tarde. No momento, basta dizer que, apesar de tudo o que aconteceu naquele verão, continuo sentindo ternura pelas abelhas.

Primeiro de julho de 1964. Estou na cama esperando que as abelhas apareçam, pensando no que Rosaleen disse quando lhe contei sobre minhas visitantes noturnas.

“As abelhas voam em enxame quando alguém vai morrer”, ela tinha dito.

Rosaleen começou a trabalhar para nós depois que minha mãe morreu. Meu pai — que eu chamava de T. Ray porque “papai” não combinava com

ele — a tinha encontrado no pomar, onde ela trabalhava colhendo pêssegos para ele. Seu rosto era grande e redondo, seu corpo descia diretamente do pescoço como uma barraca, e sua pele era tão escura que a noite parecia filtrar-se por ela. Rosaleen vivia sozinha em uma cabana escondida na mata perto de nossa casa, e vinha todos os dias cozinhar, limpar e cuidar de mim como minha mãe substituta. Ela nunca teve filhos, por isso nos últimos dez anos eu lhe servi de cobaia.

As abelhas voam em enxame quando alguém vai morrer. Ela tinha umas ideias malucas a que eu não dava importância, mas fiquei pensando nessa em especial e imaginando se as abelhas tinham aparecido tendo em vista a minha morte. Sinceramente, não me perturbei com isso. Todas aquelas abelhas podiam vir para cima de mim como um bando de anjos e me picar até que eu morresse, e não seria a pior coisa que poderia acontecer. Quem acha que morrer é a pior coisa do mundo não sabe nada sobre a vida.

Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos de idade. Foi um fato da vida, mas quando eu falava sobre isso as pessoas imediatamente começavam a mexer nas unhas e nas cutículas, ou ficavam olhando para o céu como se não estivessem me escutando. Mas de vez em quando uma alma caridosa dizia:

“Tire isso da sua cabeça, Lily. Foi um acidente. Você não teve culpa.”

Naquela noite, continuei deitada e pensei em morrer, e me encontrar com a minha mãe no paraíso. Eu diria logo:

“Perdão, mamãe. Por favor, me perdoe”, e ela me beijaria até marcar a minha pele e diria que eu não tive culpa. Diria isso para mim nos primeiros dez mil anos.

Nos dez mil anos seguintes, ela ajeitaria o meu cabelo. Escovaria e deixaria tão lindo que as pessoas do céu deixariam suas harpas de lado para me admirar. Dá para reconhecer as meninas que não têm mãe pelo jeito do seu cabelo: o meu vivia espetado para os lados, e T. Ray, naturalmente, recusava-se a comprar rolinhos de arame para mim; então eu tinha de enrolar o cabelo em latas de suco de uva Welch, o que me deixava com insônia. Eu sempre precisava escolher entre um cabelo decente e uma boa noite de sono.

Decidi que levaria uns quatro ou cinco séculos para contar a ela como era desesperador viver com T. Ray. Ele tinha mau humor o ano inteiro, mas especialmente no verão, quando trabalhava no pomar de pêssegos da manhã à noite. A maior parte do tempo eu ficava longe dele. Só era gentil com Snout, sua cadela de caça, que dormia na sua cama e ganhava carinhos na barriga toda vez que ficava de patas para o ar. Eu vi Snout fazer pipi nas botinas de T. Ray e ele nem se importar.

Pedi muitas vezes a Deus para fazer alguma coisa com T. Ray. Ele ia à

igreja havia quarenta anos, mas estava cada vez pior. Talvez Deus fizesse alguma coisa a respeito disso.

Chutei o lençol para o lado. O quarto estava em silêncio total, não havia abelhas em lugar algum. A cada minuto eu olhava para o relógio da cômoda e ficava imaginando por que elas ainda não estavam ali.

Finalmente, perto da meia-noite, quando minhas pálpebras estavam pesadas e quase se fechando, comecei a ouvir o zumbido em um canto, baixo porém vibrante, parecendo o ronronar de um gato. Instantes depois umas sombras começaram a se movimentar pelas paredes, pareciam manchas, e quando cobriam a luz, ao passar diante da janela, dava para ver o contorno das asas. O som foi aumentando no escuro até o quarto inteiro pulsar, até o próprio ar tornar-se vivo e forrado de abelhas. Elas cercaram o meu corpo, fazendo de mim o centro perfeito de uma nuvem em turbilhão. O zumbido era tão alto que eu não conseguia nem ouvir meus pensamentos.

Cravei as unhas nas palmas das mãos até a pele ficar como uma espinha de peixe. Uma pessoa podia ser picada até quase morrer em um quarto cheio de abelhas.

Mesmo assim, a cena *era* um verdadeiro espetáculo. De repente não pude mais ficar sem mostrar aquilo a alguém, embora a única pessoa por perto fosse T. Ray. E se ele fosse picado por umas duzentas abelhas, bem, eu ficaria com pena.

Saí da cama, atravessei o enxame e segui para a porta. Acordei T. Ray tocando no seu braço com o dedo, de início bem mansinho, depois cada vez com mais força, até apertar a pele do seu braço, me admirando ao sentir como era dura.

T. Ray deu um pulo da cama, só de cueca. Levei-o para o meu quarto, enquanto ele gritava que tinha de ser uma coisa importante que eu ia mostrar, como a casa pegando fogo, enquanto Snout latia como se estivéssemos numa caçada aos pombos.

“Abelhas!”, eu gritei. “Há um enxame de abelhas no meu quarto!”

Mas quando entramos, elas tinham desaparecido pelas paredes como se soubessem que ele ia chegar, como se não quisessem gastar seus ferrões com ele.

“Que droga, Lily, não tem graça nenhuma!”

Examinei as paredes de alto a baixo. Procurei debaixo da cama e implorei à própria poeira e às molas do meu colchão que mostrassem alguma abelha.

“Elas estavam aqui. Voando por todo lado.”

“É, e uma manada de búfalos também.”

“Escute só, dá para ouvir o zumbido delas.”

Ele encostou a cabeça na parede, fingindo seriedade.

“Não estou ouvindo zumbido nenhum”, disse, girando um dedo na têmpora. — Acho que elas saíram desse relógio de cuco que você chama de cérebro. Se você me acordar de novo, Lily, vou fazer você ajoelhar no Martha Whites, está ouvindo?

Martha Whites era uma forma de castigo que só T. Ray podia imaginar. Calei a boca na mesma hora.

Mas não podia deixar as coisas assim — T. Ray achando que eu estava maluca a ponto de inventar uma invasão de abelhas para chamar atenção. Tive a brilhante ideia de pegar um jarro daquelas abelhas e mostrá-las para T. Ray, dizendo:

“Agora você ainda acha que eu estou inventando coisas?”

Minha primeira e única lembrança da minha mãe é do dia em que ela morreu. Tentei durante muito tempo criar uma imagem dela antes disso, qualquer coisa que fosse, ela me pondo para dormir, lendo as aventuras do Tio Wiggly ou pendurando minha roupa de baixo perto do aquecedor nas manhãs geladas. Ficaria contente até mesmo se me lembrasse dela cortando um galho espinhoso e batendo nas minhas pernas.

Ela morreu no dia 3 de dezembro de 1954. O aquecimento estava tão forte que minha mãe tirou o suéter e ficou só com a blusa de manga curta, tentando abrir a janela do seu quarto que estava emperrada por causa da tinta seca. Finalmente desistiu e disse:

“Tudo bem, acho que nós vamos torrar aqui dentro.”

Seu cabelo era preto e cheio, com cachos grossos em volta do rosto, um rosto que nunca visualizei muito bem, apesar da clareza de tudo o mais.

Estendi os braços e ela me ergueu do chão, dizendo que eu já estava grande para isso, mas me pondo no colo mesmo assim. No instante em que ela me levantou eu fui envolvida pelo seu cheiro.

Aquele cheiro de canela impregnou-se em mim com toda a exatidão e para sempre. Eu ia regularmente à Sylvan Mercantile para cheirar todos os perfumes que eles vendiam, tentando identificar o da minha mãe. Toda vez que eu aparecia, a vendedora fingia surpresa e dizia:

“Meu Deus, vejam quem está aqui!”, como se eu não tivesse ido lá na semana anterior e experimentado todos os perfumes da loja. Shalimar, Chanel nº 5, White Shoulders. Então eu perguntava:

“Chegou alguma novidade?”

Mas nunca chegava.

Por isso, um dia tive um choque quando senti aquele cheiro na minha

professora da quinta série e ela disse que não era um perfume, era apenas um creme da Ponds.

Na tarde em que minha mãe morreu havia uma mala aberta no chão, perto da janela. Ela entrava e saía do closet e jogava coisas dentro da mala, sem dobrar nada.

Eu a segui até o closet e me escondi no escuro atrás dos vestidos e das calças compridas, num canto empoeirado com traças mortas, onde a lama do pomar e o cheiro mofado de pêssegos prendiam-se nas botas de T. Ray. Enfiei as mãos dentro de um par de sapatos brancos de salto alto e bati um contra o outro.

O chão do closet vibrava sempre que alguém subia as escadas em baixo, por isso percebi que T. Ray estava chegando. Por cima da minha cabeça ouvia minha mãe puxar as roupas dos cabides. *Depressa*, ela disse.

Quando os sapatos dele pisaram no quarto ela suspirou, e o ar saiu de dentro dela como se os seus pulmões tivessem de repente se apertado. É a última coisa de que me lembro com precisão — sua respiração caindo sobre mim como um pequeno paraquedas e desabando sem deixar traços entre as pilhas de sapatos.

Não me lembro do que eles disseram, só me lembro da fúria das palavras chicoteando o ar. Mais tarde isso me fez lembrar de passarinhos presos em um quarto fechado, jogando-se contra as janelas e paredes, e um contra o outro. Eu me encolhi no fundo do closet, enfiei os dedos na boca e senti o gosto de sapatos e de pés.

Em certo momento fui arrancada dali, não sei por quem, e me vi nos braços da minha mãe e senti o seu cheiro. Ela acariciou meu cabelo e disse:

“Não se preocupe.” Mas assim que falou, fui puxada por T. Ray, que me carregou até a porta, me largou no corredor e disse: “Vá para o seu quarto”.

“Não quero ir”, falei chorando, tentando passar por ele, voltar para o quarto, para onde ela estava.

“Vá para o seu maldito quarto!”, ele gritou, me empurrando. Fui bater na parede e caí para a frente, apoiada nas mãos e nos joelhos. Ao levantar a cabeça, vi que ela corria pelo quarto. Corria e gritava: “Deixe ela em paz!”.

Eu me encolhi no chão, ao lado da porta, e tive a impressão de que o ar estava todo arranhado. Vi T. Ray segurá-la pelos ombros e sacudi-la, fazendo sua cabeça balançar para a frente e para trás. Vi que os lábios dele estavam brancos.

Então — embora tudo esteja embaralhado na minha cabeça agora — ela afastou-se dele e se enfiou no closet, livrou-se daquelas mãos e começou a procurar uma coisa na prateleira do alto.

Quando vi a arma na mão dela, corri em sua direção, cambaleando, querendo salvá-la, salvar todos nós.

O tempo desdobrou-se em si mesmo. O resto ficou bem claro na minha cabeça, porém em partes desconjuntadas. O revólver brilhando como um brinquedo na mão dela, ele arrancando e jogando-o para o lado. O revólver no chão. Abaixando para apanhá-lo. A explosão à nossa volta.

É isso que sei sobre mim. Ela era tudo que eu queria. E eu a levei embora.

T. Ray e eu morávamos perto de Sylvan, na Carolina do Sul, um vilarejo com 3100 habitantes. Barracas de pêssegos e igrejas batistas, nada mais que isso.

Na entrada da fazenda havia uma grande placa de madeira em que se lia EMPRESAS DE PÊSSEGOS OWENS, em letras pintadas no tom de laranja mais feio do mundo. Eu odiava aquela placa. Mas isso não era nada comparado ao pêssego gigante empoleirado em um poste de vinte metros de altura ao lado da porteira. Todos da escola referiam-se a ele como o Bumbum Grande, e eu estou melhorando o palavreado. Aquela cor no tom de pele e o vinco descendo até em baixo tinham o aspecto inconfundível de um traseiro. Rosaleen dizia que era a forma de T. Ray desrespeitar o mundo inteiro. T. Ray era assim.

Ele achava que era bobagem eu ir dormir na casa de uma amiga, o que não me preocupava porque eu nunca era convidada mesmo, mas ele também se recusava a me levar aos jogos de futebol, às reuniões esportivas dos estudantes, ou às lavagens de carro no Beta Clube, que se realizavam aos sábados. Não se incomodava ao me ver usando as roupas que eu mesma fazia nas aulas de economia doméstica, blusas de algodão estampado com o zíper todo torto e saias abaixo dos joelhos, roupas que só as meninas da seita pentecostal usavam. Era como se eu estivesse com um cartaz nas costas dizendo: NÃO SOU POPULAR E NUNCA SEREI.

Eu precisava de toda a ajuda que a moda pudesse me dar, pois ninguém, ninguém mesmo, jamais me disse: “Lily, você é uma menina tão bonitinha!”. A não ser a srta. Jennings da igreja, que era praticamente cega.

Eu olhava meu reflexo não só no espelho, mas nas vidraças das lojas e na tela da televisão quando estava desligada, tentando dar um jeito na minha aparência. Meu cabelo era preto como o da minha mãe, mas vivia emaranhado e, para minha tristeza, eu tinha pouco queixo. Achava sempre que o queixo aumentaria quando meu peito crescesse, mas isso não aconteceu. Meus olhos eram bonitos, pareciam com os de Sophia Loren, mas nem os meninos que penteavam o cabelo para trás, pingando vaselina, e sempre com um pente no bolso da camisa, se interessavam por mim e eles eram considerados carentes.

Meu peito estava começando a ganhar relevo, mas eu não podia mostrar essa parte. Era moda usar conjunto de cashmere e saia de xadrez bem curta, mas T. Ray dizia que por nada desse mundo eu usaria uma roupa assim: “será que eu queria ficar grávida como Bitsy Johnson, que usava uma saia que mal dava para cobrir a bunda?”. Como ele sabia sobre Bitsy é um mistério para mim, mas é verdade que suas saias eram curtíssimas e que ela acabou grávida. Uma infeliz coincidência, só isso.

Rosaleen sabia menos de moda do que T. Ray, e, quando estava frio, Deus me livre, ela me obrigava a ir para o colégio com ceroulas debaixo dos meus vestidos pentecostais.

Não havia nada que eu detestasse mais do que ver as meninas cochinando pelos cantos e calando a boca quando eu passava. Eu começava a tirar casquinhas do meu corpo, e quando não tinha nenhuma, roía a pele em volta das unhas até sangrar. Vivía tão preocupada em me apresentar bem e em fazer as coisas certas, que na maior parte do tempo me sentia como se estivesse representando uma menina, em vez de realmente ser uma.

Na primavera passada, pensei que minha sorte ia mudar se fizesse o curso de etiqueta no Clube de Mulheres, nas sextas-feiras à tarde durante seis semanas, mas fui barrada porque não tinha mãe, nem avó, nem mesmo uma mísera tia para me presentear com uma rosa branca na cerimônia de encerramento. Rosaleen assumir esse papel era contra as regras. Eu chorei até vomitar na pia.

“Você sabe se comportar”, disse Rosaleen lavando o vômito da pia. “Não precisa fazer um curso boboca para aprender.”

“Preciso sim. Elas ensinam tudo. Como andar e girar o corpo, o que fazer com os tornozelos quando você se senta em uma cadeira, como entrar em um carro, servir o chá, tirar as luvas...”

Rosaleen bufou: “Deus meu!”, disse.

“Como arrumar flores em um vaso, conversar com os meninos, acertar as sobancelhas, raspar as pernas, usar batom...”

“E vomitar na pia? Eles ensinam uma forma charmosa de fazer isso?”

Às vezes eu simplesmente detestava a Rosaleen.

Na manhã seguinte à que eu acordei T. Ray, Rosaleen parou na porta do meu quarto e ficou me vendo caçar uma abelha com um vidro. Seus lábios estavam tão arreganhados que dava para ver o céu da boca rosado.

“O que você está fazendo com esse vidro?”

“Estou pegando abelhas para mostrar a T. Ray. Ele acha que eu invento coisas.”

“Meu Deus, me dê forças.” Rosaleen tinha vindo da varanda, onde estava descascando feijão, e o suor escorria em bicas do cabelo para a testa. Ela puxou a frente do vestido para entrar um pouco de ar, deixando ver seus seios grandes e macios como um travesseiro.

A abelha parou no mapa estadual preso na parede. Fiquei vendo-a passar pela costa da Carolina do Sul, na panorâmica rodovia 17. Prendi a boca do vidro na parede, apanhando a abelha entre Charleston e Georgetown. Quando coloquei a tampa, ela desceu como um parafuso e jogou-se várias vezes contra o vidro, fazendo lembrar o granizo que batia às vezes nas janelas.

Eu tinha arrumado o vidro do melhor modo possível, tinha depositado pétalas macias, cheias de pólen, e feito vários furinhos na tampa para que a abelha não morresse, pois acreditava que as pessoas podiam voltar um dia transformadas nas próprias coisas que haviam matado.

Levantei o vidro na altura do meu nariz.

“Venha ver essa coisinha lutando”, disse para Rosaleen.

Quando ela entrou no quarto seu cheiro me envolveu, forte e apimentado como o tabaco que tinha dentro da boca. Pegou sua escarradeira com tampa do tamanho de uma moeda e uma alça para passar o dedo. Apertou-a contra o queixo, os lábios se abriram como uma flor, e cuspiu dentro um caldo preto.

Olhou para a abelha e sacudiu a cabeça: “Se você for mordida, não venha se queixar para mim porque não vou querer ouvir”.

Isso era uma mentira.

Eu era a única pessoa que sabia que, apesar daquele jeito rude, seu coração era mais terno que a pétala de uma flor, e ela me adorava.

Eu só soube disso quando tinha oito anos de idade e ela comprou para mim um pintinho tingido, de presente de Páscoa. Eu o encontrei tremendo no canto da gaiola, todo pintado de roxo, com os olhinhos tristes procurando por sua mãe. Rosaleen deixou que eu o levasse para casa. Eu o coloquei na sala e espalhei um pouco de aveia no chão para que ele comesse, e ela nem reclamou.

O pintinho foi largando excremento riscado de roxo pelo chão inteiro, certamente porque a tinta tinha penetrado no seu frágil organismo. Nós estávamos limpando tudo quando T. Ray entrou e ameaçou cozinhar o pobrezinho para o jantar e despedir Rosaleen por ter agido como uma imbecil. Ia investir contra o pintinho com as mãos sujas de graxa, mas Rosaleen plantou-se em frente a ele.

“Há muita coisa pior nesta casa do que cocô de galinha”, disse, olhando-o de alto a baixo. “O senhor não vai tocar no pintinho.”

Suas botas foram rinchando pelo corredor. E eu pensei: *Ela gosta de mim*, e pela primeira vez essa ideia tão distante me ocorreu.

A idade de Rosaleen era um mistério, pois ela não tinha certidão de nascimento. Dizia que tinha nascido em 1909 ou 1919, dependendo da idade que sentia no momento. Mas tinha certeza do lugar: McClellanville, Carolina do Sul, onde sua mãe fazia cestas para vender na estrada.

“Igual a mim, que vendo pêssegos”, eu disse para ela.

“Não é a mesma coisa. Você não tem sete filhos para dar de comer.”

“Você tinha *seis* irmãos e irmãs?” Eu achava que ela não tinha ninguém no mundo a não ser eu.

“Tinha, mas não sei onde nenhum deles foi parar.”

Ela enxotou o marido de casa três anos depois que se casaram porque ele vivia bêbado.

“Se você pusesse o cérebro dele em um pássaro, o pássaro voaria para trás”, costumava dizer. Eu vivia imaginando o que um pássaro faria com o cérebro de Rosaleen. Achava que às vezes ele cagaria em cima da cabeça de alguém, e às vezes cuidaria de ninhos abandonados, com as asas bem abertas.

Eu costumava sonhar acordada, fantasiando que era branca e casada com T. Ray, e que me tornava mãe. Outras vezes, eu era uma órfã negra que Rosaleen tinha encontrado em um campo de milho e adotado. De vez em quando sonhava que vivíamos em uma cidade como Nova York, onde ela podia me adotar e nós podíamos manter nossas cores de nascença.

O nome da minha mãe era Deborah. Eu achava o nome mais lindo que poderia ouvir, mas T. Ray se recusava a pronunciá-lo. Se eu o mencionasse, ele dava a impressão de que iria à cozinha esfaquear alguma coisa. Um dia perguntei quando era o aniversário dela e qual cobertura de bolo ela preferia, e ele me mandou calar a boca; quando perguntei pela segunda vez, ele pegou um vidro de geleia de amora e atirou-o no armário. Até hoje o armário tem umas manchas azuladas.

Mesmo assim eu consegui descobrir algumas informações com ele, que minha mãe tinha sido enterrada na Virgínia, terra da família dela. Fiquei animada com isso, e achei que um dia poderia descobrir minha avó. Ele disse que não, que minha mãe era filha única e a mãe dela tinha morrido havia muitos anos. Naturalmente. Quando um dia ele pisou em uma barata na cozinha, disse que minha mãe passava horas tirando baratas da casa com pedacinhos de *marshmallow* e trilhas de miolo de pão de centeio e que ela fazia maluquices para salvar insetos.

As coisas mais estranhas faziam com que eu sentisse falta dela, como sutiãs para fazer esporte, a quem eu perguntaria sobre isso? E quem a não ser minha mãe poderia ter entendido a importância de me levar aos treinos das torcidas do colégio? T. Ray é que não levaria nunca. Mas sabem quando foi que senti mais falta dela? Quando tinha doze anos de idade e acordei com uma mancha avermelhada na calcinha. Fiquei muito orgulhosa, mas não tinha ninguém para mostrar a não ser Rosaleen.

Logo depois disso encontrei no sótão uma sacola de papel grampeada na ponta. Dentro estavam os últimos vestígios da minha mãe.

Era a fotografia de uma mulher sorrindo na frente de um carro velho, com um vestido de cor clara e ombreiras. Pela sua expressão, ela parecia dizer: “Não ouse tirar essa foto”, mas querendo que a foto fosse tirada. Não dava para acreditar nas histórias que vi nessa foto; imaginei que ela estava junto ao para-lama do carro esperando pelo seu amor, e sem muita paciência.

Coloquei aquela foto ao lado da minha fotografia na oitava série e examinei todas as semelhanças possíveis. Ela também tinha pouco queixo, mas mesmo assim era especialmente bonita, o que me deu muita esperança sobre o futuro.

Dentro da sacola de papel havia um par de luvas brancas de algodão amareladas pelo tempo. Quando peguei as luvas, pensei: *As mãos dela estiveram aqui dentro*. Hoje acho isso uma bobagem, mas naquela época enchi as luvas com bolas de algodão e fiquei agarrada a elas a noite inteira.

O maior mistério dentro da sacola era uma pequena imagem de madeira de Maria, a mãe de Jesus. Eu a reconheci embora sua pele fosse negra, só um pouco mais clara que a de Rosaleen. Parecia que alguém tinha cortado a imagem de Maria negra de um livro, colado em um pedaço de madeira de cerca de cinco centímetros de largura e envernizado a madeira. Nas costas, uma mão desconhecida tinha escrito: Tiburon, C. S.

Durante dois anos guardei as coisas dela em uma lata enterrada no pomar. Havia um lugar especial lá, num longo túnel de árvores, que ninguém conhecia, nem mesmo Rosaleen. Eu tinha começado a ir lá antes de aprender a amarrar os cadarços. De início era só um lugar para me esconder de T. Ray e sua maldade ou da lembrança daquela tarde em que a arma disparou, mas depois passei a ir lá assim que T. Ray ia para a cama, só para ficar deitada debaixo das árvores e me sentir em paz. Era o meu pedaço de terra, meu esconderijo aconchegante.

Coloquei as coisas dela dentro da lata e enterrei tarde da noite, com a ajuda de uma lanterna, pois tinha medo de deixar tudo solto no meu quarto, nem que fosse no fundo de uma gaveta. Tinha medo que T. Ray fosse ao sótão, descobrisse que as coisas dela não estavam lá e revirasse o meu quarto

até encontrá-las. Eu detestava pensar no que ele faria comigo se encontrasse tudo escondido no meio das minhas coisas.

De vez em quando eu ia lá e desenterrava a lata. Ficava deitada no chão debaixo das árvores, usando as luvas dela, sorrindo para sua fotografia. Examinava as palavras Tiburon, C. S. nas costas da imagem da Maria negra, a inclinação engraçada da letra, e imaginava que tipo de lugar era aquele. Procurei no mapa uma vez, e vi que não ficava a mais de duas horas dali. Será que minha mãe tinha estado lá e comprado a imagem? Eu sempre me prometi que um dia, quando fosse grande, tomaria o ônibus e iria até lá. Queria ir a todos os lugares onde ela tinha estado.

Depois de capturar as abelhas durante a manhã, passei a tarde na barraca de pêssego da estrada, vendendo os pêssegos de T. Ray. Era o trabalho de verão mais solitário que uma garota poderia ter, enfiada em uma barraca na estrada com três paredes e um teto chato de zinco.

Eu ficava sentada num banquinho da Coca-Cola, vendo os carros passarem voando, até ficar quase envenenada com a fumaça dos carros e com a monotonia. As tardes de quinta-feira eram em geral o dia do pêssego, quando as mulheres aprontavam as tortas de domingo, mas ninguém parou para comprar.

T. Ray não me deixava levar livros para ler lá, e quando levei *Horizonte perdido* bem escondido debaixo da blusa, a sra. Watson, da fazenda vizinha, encontrou com o meu pai na igreja e disse:

“Vi sua menina lendo na barraca de pêssegos. O senhor deve se sentir orgulhoso dela.” E ele teve vontade de me matar.

Que tipo de pessoa é contra a *leitura*? Talvez ele achasse que os livros despertariam em mim a vontade de fazer faculdade, que ele achava uma perda de dinheiro no caso das meninas, mesmo que elas, como eu, tivessem as melhores notas possíveis no teste de aptidão verbal. Minha aptidão para matemática é outra coisa, mas ninguém foi feito para ser brilhante em tudo.

Eu era a única aluna que não gemia quando a sra. Henry nos mandava estudar mais uma peça de Shakespeare. Na verdade, eu *fingia* gemer, mas por dentro ficava tão entusiasmada como se tivesse sido escolhida a Rainha dos Pêssegos de Sylvan.

Até a chegada da sra. Henry, eu acreditava que o curso de esteticista seria meu limite profissional. Uma vez, examinando o seu rosto, disse que se ela fosse minha cliente eu lhe faria um tratamento francês maravilhoso, e a sra. Henry disse, e eu cito:

“Por favor, Lily, você está insultando sua bela inteligência. Você tem

ideia de como é inteligente? Podia ser uma professora ou uma escritora com livros de verdade no seu nome. Curso de esteticista. *Por favor!*”

Levei um mês para me refazer do choque de ter possibilidades na vida. Os adultos adoram perguntar: “Então... o que você vai ser quando crescer?”. Eu detestava essa pergunta, mas de repente passei a falar espontaneamente para os outros, para gente que nem me conhecia, que planejava ser professora e escritora de livros de verdade.

Fiz uma coleção dos meus escritos. Durante algum tempo tudo que eu escrevia tinha um cavalo no meio. Depois que lemos Ralph Waldo Emerson na classe escrevi “Minha filosofia de vida”, que seria o início de um livro, mas só consegui terminar três páginas. A sra. Henry disse que eu precisava viver muito mais que catorze anos para ter uma filosofia de vida.

Ela disse que uma bolsa de estudos era minha única esperança de futuro, e me emprestou vários livros para eu ler no verão. Sempre que eu abria um, T. Ray dizia:

“Quem você acha que é, Julius Shakespeare?” Ele realmente achava que o primeiro nome de Shakespeare fosse Julius, e se você acha que eu devia ter corrigido esse erro é porque não conhece a arte de sobreviver. Ele também se referia a mim como srta. Metida-a-Estudiosa e às vezes como srta. Emily-Cabeça-Oca-*Diction*. Ele queria dizer Dickinson, mas há coisas que é melhor a gente deixar passar.

Sem livros na barraca de pêssegos, em geral eu passava o tempo criando poesias, mas naquelas tardes lentas não tinha paciência para rimar as palavras. Ficava sentada ali, pensando como eu detestava aquela barraca de pêssegos, como abominava aquele lugar.

Na véspera de ir para a primeira série do colégio, T. Ray me pegou na barraca enfiando um prego em um dos seus pêssegos.

Ele caminhou na minha direção com os polegares enfiados nos bolsos e os olhos apertados por causa da luz. Vi sua sombra deslizar pela terra e pelas ervas daninhas, e pensei que ele fosse me dar um castigo por eu estar apunhalando um pêssego. Eu nem sabia por que estava fazendo aquilo. Mas ele disse: “Lily, você vai para o colégio amanhã e tem umas coisas que precisa saber. Sobre sua mãe”.

Por um momento tudo ficou quieto e silencioso, como se o vento tivesse morrido e os passarinhos tivessem parado de voar. Quando ele chegou perto de mim, eu me vi presa numa escuridão da qual não conseguia me libertar.

“Já é hora de você saber o que aconteceu com ela, e quero que saiba por mim. Não pelo que os outros falam.”

Nós nunca tínhamos conversado sobre aquilo, e senti um arrepio. A lembrança daquele dia voltava à minha cabeça em momentos estranhos. A janela emperrada. O cheiro dela. O barulho dos cabides se chocando. A mala. O modo como eles brigaram e gritaram. Mais que tudo, o revólver no chão, seu peso quando o levantei.

Eu sabia que a explosão que ouvi naquele dia tinha matado ela. O ruído ainda se infiltrava na minha cabeça de vez em quando e me causava espanto. Às vezes parecia que não ouvi barulho algum ao pegar a arma, que o barulho veio depois, mas outras vezes, sentada sozinha no degrau da varanda, aborrecida e desejando fazer alguma coisa, ou fechada no meu quarto em um dia de chuva, sentia que eu é que *tinha causado* aquilo, que quando peguei a arma do chão o barulho atravessou o quarto e trespassou nossos corações.

Era um conhecimento secreto que tomava conta de mim, e eu descia o morro correndo — mesmo que estivesse chovendo lá fora — e ia para o meu lugar especial no pomar de pêssegos. Ficava deitada no chão e isso me acalmava.

T. Ray pegou um punhado de terra e deixou cair das mãos.

“No dia em que ela morreu, estava limpando o closet”, ele disse. Eu não entendi o tom estranho da sua voz, um som pouco natural, quase, mas não exatamente, *bondoso*.

Limpando o closet. Eu nunca tinha pensado no que ela estava fazendo naqueles últimos minutos de vida, por que estava no closet, por que eles tinham brigado.

“Eu me lembro”, falei. Minha voz soou baixa e distante para mim, como se viesse de um buraco de formiga no chão.

Ele levantou as sobrancelhas e aproximou o rosto de mim. Só seus olhos mostravam uma certa confusão. “Você o quê?”

“Eu me lembro”, repeti. “Vocês estavam gritando.”

Seu rosto ficou tenso.

“Verdade?” Seus lábios estavam pálidos, o que sempre me dava medo. Dei um passo atrás. “Que droga, você tinha quatro anos de idade!”, ele gritou. “Não sabe do que se lembra.”

No silêncio que se seguiu, pensei em mentir para ele e dizer: *Retiro o que disse, não me lembro de nada. Conte o que aconteceu*, mas havia muito tempo eu tinha uma enorme necessidade de falar sobre isso, de dizer aquelas palavras.

Olhei para baixo, para os meus sapatos e para o prego que tinha deixado cair quando tinha visto ele chegando. “Eu me lembro de uma arma.”

“Santo Deus!”

Ele olhou para mim durante um longo tempo, depois foi até as cestas empilhadas no fundo da barraca. Ficou ali um instante sem saber o que fazer, depois se virou e voltou.

“O que mais? Diga agora o que você sabe.”

“A arma estava no chão...”

“Você a apanhou. Acho que se lembra disso.”

O som da explosão começava a ecoar na minha cabeça. Olhei para o pomar, com vontade de sair correndo para lá.

“Me lembro que peguei a arma. Mas só me lembro disso.”

Ele se abaixou, me segurou pelos ombros e me sacudiu.

“Não se lembra de nada mais? Tem certeza? Pense bem.”

Fiquei em silêncio por tanto tempo que ele balançou a cabeça e olhou para mim desconfiado.

“Não senhor, só me lembro disso.”

“Preste atenção,” ele falou, apertando meus braços. “Nós estávamos discutindo, como você disse. No início não percebemos que você estava ali. Quando nos viramos, vimos você segurando a arma. Você a apanhou do chão. Então a arma disparou.”

Ele me soltou e enfiou as mãos nos bolsos. Eu podia ouvir suas mãos mexendo nas chaves e nas moedas. Tive vontade de me agarrar nas pernas dele, para que ele me segurasse e me apertasse, mas não conseguia me mexer, nem ele. Ele ficou olhando para um lugar por cima da minha cabeça. Um lugar que estava examinando com cuidado.

“A polícia fez uma porção de perguntas, mas foi uma dessas fatalidades. Você não teve intenção de fazer aquilo”, ele disse com voz macia. “Mas se alguém quiser saber, foi isso que aconteceu.”

Então ele saiu e foi caminhando para casa. Um instante depois virou-se: “E não enfie o prego nos meus pêssegos de novo”.

Já passava das seis horas da tarde quando saí da barraca e voltei para casa, sem ter vendido nada, nem um único pêssego, e encontrei Rosaleen na sala. Em geral a essa hora ela já tinha ido embora, mas estava lutando com a antena da televisão, tentando tirar o chuveiro da tela. O presidente Johnson aparecia e sumia, perdido no chuveiro. Eu nunca tinha visto Rosaleen tão interessada num programa de televisão a ponto de gastar sua energia física com isso.

“O que aconteceu?”, perguntei. “Eles jogaram uma bomba atômica?”

Desde que começaram a ensinar sobre as bombas no colégio, eu não conseguia deixar de pensar que meus dias estavam contados. Todo mundo criava abrigos nucleares nos quintais, engarrafava água da pia, preparava-se para o fim do mundo. Treze alunas da minha classe fizeram modelos de abrigos nucleares para o projeto de ciências, o que mostra que não era só eu

que me preocupava com isso. Nós vivíamos obcecados com o sr. Kruschev e seus mísseis.

“Não, a bomba não explodiu. Venha cá ver se você consegue ajeitar a televisão.” Seus punhos estavam tão enfiados nos quadris que tinham quase desaparecido.

Eu enrolei papel de alumínio na antena. A imagem clareou o suficiente para vermos o presidente Johnson sentar-se à mesa, com umas pessoas à sua volta. Eu não gostava muito do presidente porque ele puxava seus cachorros pelas orelhas. Mas admirava a mulher dele, Lady Bird, que parecia sempre querer criar asas e voar para longe dali.

Rosaleen arrastou um banquinho para junto da televisão, se sentou, e não deu para ver mais nada na tela. Ela se inclinou para a frente, segurando uma prega da saia e enrolando-a nas mãos.

“O que está acontecendo?”, perguntei, mas ela estava tão concentrada nos acontecimentos que não respondeu. Na tela o presidente assinava seu nome num pedaço de papel usando umas dez canetas.

“Rosaleen...”

“Sssshhhh”, ela sussurrou, sacudindo a mão.

Tive de esperar o noticiário.

“Hoje, dia 2 de julho de 1964, o presidente dos Estados Unidos assinou o Código de Direitos Civis em lei, na Sala Leste da Casa Branca...”

Olhei para Rosaleen, sentada ali balançando a cabeça e murmurando, “Meu Deus, tenha piedade”. Ela parecia tão incrédula e feliz como aqueles que ganham o prêmio no programa de perguntas da televisão.

Eu não sabia se ficava animada ou preocupada com ela. Depois da missa, as pessoas sempre ficavam falando sobre os negros e se eles conseguiriam seus direitos civis. Quem estava ganhando — o time dos brancos ou o time dos negros? Era como uma competição de vida ou morte. Quando, no mês anterior, o ministro de Alabama, o reverendo Martin Luther King, tinha sido preso na Flórida porque quis comer em um restaurante, os homens da igreja reagiram como se o time dos brancos tivesse vencido o jogo. Eu sabia que eles não receberiam essa notícia com calma, nem em um milhão de anos.

“Aleluia, Jesus”, disse Rosaleen no seu banquinho. Esquecida do mundo.

Rosaleen tinha deixado o jantar no fogão, sua famosa galinha ensopada. Enquanto eu preparava o prato de T. Ray, pensava em como abordar o delicado assunto do meu aniversário, coisa à qual ele nunca tinha dado atenção em todos os anos da minha vida, mas todo ano eu tinha esperança que *daquela* vez ele daria.

Meu aniversário caía no mesmo dia que o aniversário do país, que o tornava ainda mais difícil de ser notado. Quando eu era pequena, achava que as pessoas lançavam fogos de artifício por minha causa: *Viva! Lily nasceu!* Depois veio a realidade, como sempre acontece.

Eu queria dizer a T. Ray que toda menina adoraria ter uma pulseira de berloques de prata, que no ano passado eu era a única aluna do Ginásio Sylvan que não tinha uma, que o ponto alto da hora do almoço era ficar na fila da lanchonete mexendo no pulso, deixando que os outros vissem sua coleção de pingentes.

“Então”, eu disse, passando o prato para ele, “meu aniversário é neste domingo...”

Ele retirou a carne do osso da galinha com o garfo.

“Eu estava pensando que adoraria ter uma dessas pulseiras com pingentes de prata vendidas lá na loja.”

A casa rinchou como acontecia de vez em quando. Do lado de fora Snout deu um latido, e o ar ficou tão silencioso que dava para ouvir T. Ray mastigando sua comida.

Ele comeu o peito da galinha e começou a comer a coxa, olhando a toda hora para mim com aquele seu olhar duro.

Eu ia dizer *Então, e a pulseira?*, mas percebi que ele já tinha dado a resposta, o que fez crescer dentro de mim um tipo de tristeza fresca e suave que na verdade não tinha nada a ver com a pulseira. Hoje eu acho que foi uma tristeza causada pelo ruído do seu garfo arranhando o prato, o que aumentava a distância entre nós, como se eu nem estivesse na sala.

Naquela noite fiquei ouvindo os piparotes da abelha dentro do vidro, enquanto esperava escurecer bastante para poder ir até o pomar e desenterrar a lata com as coisas da minha mãe. Queria deitar no chão do pomar e deixar que ele me envolvesse.

Quando a lua subiu para o alto do céu, saí da cama, vesti uns shorts e um top e passei pela porta do quarto de T. Ray em silêncio, deslizando os braços e as pernas como se estivesse esquiando no gelo. Não vi as botas dele, que costumavam ficar jogadas no meio do hall. Quando caí, fiz tanto barulho que o ronco de T. Ray mudou de ritmo; de início, parou por completo, mas depois de três bufadas rápidas ele voltou a roncar.

Desci as escadas e atravessei a cozinha. Quando senti o ar da noite tive vontade de rir. A Lua era um círculo perfeito, tão cheio de luz que tudo em volta tinha um tom âmbar. Saí correndo de pés descalços pelo gramado.

Para chegar aonde eu queria, tinha de seguir até a oitava fileira à es-

querda do galpão do trator, depois andar mais um pouco, contando as árvores até a de número trinta e dois. A lata estava enterrada na terra fofa embaixo da árvore, rasa o suficiente para eu conseguir tirá-la dali cavando com as mãos.

Quando limpei a terra da tampa e abri a lata, vi primeiro a brancura das luvas dela, depois a foto enrolada em papel encerado, exatamente como eu tinha deixado. Finalmente a imagem engraçada de Maria com o rosto escuro. Tirei tudo de dentro, me espalhei entre os pêssegos caídos e fiquei deitada de barriga para baixo.

Quando olhei para cima através da copa das árvores, a escuridão era total, e por um instante me senti sem limites, como se o céu fosse minha própria pele e a lua fosse meu coração batendo ali no escuro. Um raio passou, não em zigue-zagues, mas em suaves pinceladas douradas pelo céu. Desabotoei a blusa e abri-a bem para que a noite penetrasse na minha pele, e acabei dormindo ali no meio das coisas da minha mãe, com a umidade do ar no meu peito e o céu pontilhado de luz.

Acordei com os passos de alguém no meio das árvores. *T. Ray!* Sentei-me, apavorada, e abotoei a blusa. Ouvi seus passos e a sua respiração pesada e ofegante. Olhei para baixo e vi as luvas da minha mãe e as duas fotografias. Parei de abotoar a blusa e peguei aquelas coisas, sem conseguir pensar no que fazer, como esconder tudo aquilo. Eu tinha deixado a lata dentro do buraco, muito longe do meu alcance.

“Lilyyyy!”, ele gritou, e eu vi sua sombra aproximar-se de mim.

Enfie as luvas e as fotos na cintura dos shorts, e acabei de abotoar a blusa com dedos trêmulos.

Antes que pudesse abotoar tudo, uma luz bateu no meu rosto e lá estava ele, sem camisa, segurando uma lanterna. O facho de luz varreu tudo e me cegou quando atingiu meus olhos.

“Quem estava aqui com você?”, ele gritou, iluminando minha blusa semiaberta.

“Niiinguém”, respondi, juntando os joelhos entre os braços, assustada com o que ele estava pensando. Não conseguia olhar muito tempo para a cara dele, grande e furiosa como a cara de Deus.

T. Ray iluminou em volta.

“Quem está aí?”, gritou.

“Por favor, T. Ray, eu estou sozinha aqui.”

“Levante-se agora mesmo”, ele gritou.

Eu o segui até a casa. Seus pés batiam com tanta força no chão que tive pena da terra escura. Ele não deu uma palavra até a cozinha, e então tirou os grãos de milho Martha White do armário.

“Eu podia esperar isso de meninos, Lily, não é culpa deles, mas esperava mais de você. Você agiu como uma vagabunda.”

Despejou os grãos de milho e fez um monte no chão de pinho do tamanho de um formigueiro.

“Venha cá e se ajoelhe.”

Eu era obrigada a me ajoelhar nesses grãos desde que tinha seis anos, mas nunca me acostumei com aquela sensação de pó de vidro debaixo da pele. Fui até lá em passos miúdos, como se fosse uma japonesa, e me abaixei no chão, decidida a não chorar, mas as lágrimas já se juntavam nos meus olhos.

T. Ray sentou em uma cadeira e limpou as unhas com um canivete. Fiquei trocando de um joelho para o outro, na esperança de ter um a dois segundos de alívio, mas a dor atravessava a minha pele. Mordi o lábio, e nesse momento senti a imagem de madeira de Maria negra debaixo da minha blusa. Senti o papel encerado que envolvia a foto da minha mãe e as luvas enfiadas no meu cinto, e pareceu de repente que minha mãe estava ali, encostada no meu corpo, como se ela moldasse pontos de isolamento na minha pele, ajudando-me a absorver toda a maldade de T. Ray.

Na manhã seguinte, acordei tarde. Assim que meus pés tocaram no chão eu olhei debaixo do colchão onde tinha escondido as coisas da minha mãe: um esconderijo temporário até eu conseguir enterrar tudo de volta no pomar.

Satisfeita ao ver que as coisas estavam a salvo, fui para a cozinha e encontrei Rosaleen varrendo os grãos de milho.

Passei manteiga numa fatia de pão Sunbeam.

Ela levantava a vassoura quando varria, levantando poeira.

“O que aconteceu?”, perguntou.

“Fui ao pomar ontem à noite e T. Ray achou que eu estava lá com algum garoto.”

“E estava?”

“Não”, respondi, revirando os olhos.

“Quanto tempo ele te deixou ajoelhada nesses grãos?”

Dei de ombros.

“Mais ou menos uma hora.”

Ela olhou para os meus joelhos e parou de varrer. Estavam inchados, cobertos de vergões vermelhos, que iam inflamar debaixo da pele.

“Olhe para você, menina. Olhe o que ele fez com você”, ela disse.

Meus joelhos já tinham sido torturados assim tantas vezes que eu nem

achava isso fora do comum; era apenas uma coisa que eu tinha de aguentar de tempos em tempos, como se fosse uma gripe qualquer. Mas de repente o olhar de Rosaleen me chamou a atenção. *Olhe o que ele fez com você.*

Eu estava examinando os meus joelhos quando T. Ray entrou pela porta de trás.

“Veja quem resolveu se levantar.” Então tirou o pão da minha mão e jogou na tigela de ração da Snout. “Por que você não vai para a barraca de pêssego trabalhar um pouco? Você não é Rainha por um Dia, sabia?”

Pode parecer uma loucura, mas até aquele momento eu achava que T. Ray provavelmente gostava um pouco de mim. Nunca pude me esquecer do dia em que ele sorriu para mim na igreja quando me viu cantando com o livro de hinos de cabeça para baixo.

Olhei para a cara dele, e senti seu ar de desprezo e raiva.

“Enquanto você viver sob o meu teto vai fazer o que eu mandar!”, ele gritou.

Então eu vou procurar outro teto, pensei.

“Entendeu?”

“Sim, senhor”, eu disse, e tinha entendido mesmo. Tinha entendido que um novo teto seria uma maravilha para mim.

No final da tarde, peguei mais duas abelhas. Fiquei deitada de bruços na cama, vendo-as voar dentro do vidro e dando voltas como se tivessem tentando encontrar uma saída.

Rosaleen enfiou a cabeça pela porta.

“Você está bem?”

“Estou ótima.”

“Está na hora de eu ir embora. Diga ao seu papai que vou à cidade amanhã em vez de vir para cá.”

“Você vai à cidade? Posso ir com você?”

“Por que quer ir lá?”

“*Por favor*, Rosaleen.”

“Você vai ter de andar o dia inteiro.”

“Não faz mal.”

“Não vai ter muita coisa aberta, só a barraca de fogos e o armazém.”

“Não faz mal. Eu só quero sair de casa no dia do meu aniversário.”

Rosaleen veio me olhar de perto, parando sobre seus tornozelos grossos: “Tudo bem, mas você vai ter de pedir ao seu pai. Eu passo aqui bem cedinho.”

Ela ainda estava perto da porta quando chamei:

“Por que você vai à cidade?”

Ela continuou de costas por um instante, imóvel. Quando se virou, seu rosto estava suave e mudado, como se ela fosse uma outra Rosaleen. Com a mão no bolso, os dedos procuravam alguma coisa. Ela tirou uma folha de papel dobrada e veio sentar-se ao meu lado na cama. Eu esfreguei os joelhos enquanto ela alisava o papel no colo.

Seu nome, Rosaleen Daise, estava escrito pelo menos vinte e cinco vezes na página, numa letra cursiva grande e bem-feita, como no primeiro trabalho de casa que a gente entrega no colégio.

“Este é o papel em que eu treino minha assinatura. No dia 4 de julho vão fazer uma votação na igreja dos negros. Eu vou me registrar para votar.”

Uma sensação de desconforto passou pelo meu estômago. Na noite anterior tinham dito na televisão que um homem foi morto no Mississippi porque se registrou para votar, e eu mesma ouvi o sr. Bussey, um dos diáconos, dizer a T. Ray:

“Não se preocupe, eles vão fazer os pretos assinarem o nome numa letra cursiva perfeita, mas o cartão será recusado se faltar um pingão no i ou se o y não estiver bem desenhado.”

Eu examinei as curvas do R de Rosaleen.

“T. Ray sabe o que você está fazendo?”

“T. Ray não sabe de nada.”

Quando o sol se pôs, ele entrou, suado do trabalho. Fui falar com ele na cozinha, com os braços cruzados na frente da blusa.

“Estou com vontade de ir à cidade com Rosaleen amanhã. Preciso comprar suprimentos higiênicos.”

Ele aceitou isso sem comentários. T. Ray odiava a puberdade feminina mais do que tudo.

Naquela noite olhei para o vidro de abelhas na minha cômoda. As pobres criaturas mal se moviam no fundo, obviamente incapacitadas de voar. Lembrei que elas tinham saído das fendas das paredes só por prazer. Pensei em como a minha mãe fazia trilhas de miolo de pão e *marshmallow* para levar as baratas para fora de casa em vez de pisar nelas. De certo ela não aprovaria ver aquelas abelhas presas num vidro. Desatarraxeï a tampa e largueï o vidro.

“Podem sair”, disse.

Mas as abelhas continuaram ali, como aviões em uma pista sem saber que tinham recebido sinal verde para decolar. Arrastaram-se nas patinhas em volta das paredes do vidro como se o mundo se resumisse nele. Dei uns tapas no vidro e coloqueï-o de lado, mas as malucas das abelhas não conseguiram sair.

As abelhas continuavam lá na manhã seguinte, quando Rosaleen apareceu. Vinha trazendo um pão de ló com catorze velinhas.

“Aqui está, feliz aniversário!”, ela disse. Nós nos sentamos e comemos duas fatias com copos de leite. O leite deixou-lhe uma marca branca no lábio superior, que ela não se preocupou em limpar. Mais tarde eu me lembraria que ela saiu para a cidade com um ar determinado.

Sylvan ficava a quilômetros de distância. Nós fomos caminhando pelo acostamento da estrada, Rosaleen andando a um passo lento, com a escaradeira presa no dedo. As árvores estavam cobertas de névoa, e o ar cheirava a pêssegos maduros.

“Você está mancando?” Rosaleen perguntou.

Meus joelhos doíam tanto que eu tinha de me esforçar para acertar o passo com ela.

“Um pouco.”

“Por que a gente não senta um pouco do lado da estrada?”

“O.k. É uma boa ideia.”

Um carro passou voando, deixando um rastro de poeira. Rosaleen suava com o calor. Secou o rosto e respirou fundo.

Nós estávamos chegando à Igreja Batista Ebenezer, que T. Ray e eu frequentávamos. O campanário ficava acima de um grupo de árvores; abaixo, os tijolos vermelhos pareciam sombrios e frios.

“Vamos”, eu disse, dirigindo-me para a entrada.

“Para onde você está indo?”

“Nós podemos descansar na igreja.”

O ar lá dentro era ralo e sereno, e a luz entrava pelas janelas laterais, não aquelas janelas bonitas com vidros pintados, mas vidraças leitosas que não davam para ver do outro lado. Fui andando para a frente e me sentei no segundo banco, deixando lugar para Rosaleen. Ela puxou um leque de papel da caixa do livro de hinos e ficou olhando a figura: uma igreja branca com uma mulher branca sorridente aparecendo na porta.

Rosaleen se abanava e eu fiquei ouvindo os pequenos jatos de ar saírem das suas mãos. Ela nunca ia à igreja, mas nas poucas vezes que T. Ray me deixou ir até a casa dela no fundo da mata, eu vi sua prateleira especial, com um toco de vela, pedras de rio, uma pena vermelha, um pedaço de raiz, e no centro o retrato de uma mulher ajeitado na prateleira, sem moldura.

A primeira vez que vi isso perguntei a Rosaleen:

“É você?”, pois jurava que a mulher era igualzinha a ela, com tranças

grossas, pele escura, olhos puxados, com a parte inferior do corpo larga como uma berinjala.

“É minha mãe”, ela disse.

O retrato estava com as beiradas um pouco apagadas, nos pontos em que seus polegares o seguraram. A prateleira servia de altar a uma religião que ela tinha criado para si, uma mistura de adoração à natureza e aos ancestrais. Rosaleen tinha deixado de ir à igreja anos atrás porque o culto começava às dez da manhã e só terminava às três da tarde, o que dava para matar uma pessoa, ela disse.

T. Ray dizia que a religião de Rosaleen era esquisita, e que eu devia me afastar dessas coisas. Mas eu me sentia atraída porque achava que ela gostava de pedras de rio e penas de pica-pau, e porque tinha um único retrato da sua mãe, como eu.

Uma das portas da igreja abriu, e irmão Gerald, nosso ministro, entrou no santuário.

“Pelo amor de Deus, Lily, o que você está fazendo aqui?”

Então ele viu Rosaleen e começou a esfregar a careca com tanta agitação que achei que ia chegar até o crânio.

“Estávamos indo para a cidade e paramos aqui para nos refrescar um pouco.”

Sua boca formou a palavra “Oh!”, mas não chegou a dizer nada; estava preocupado olhando para Rosaleen na sua igreja, e nesse exato momento Rosaleen resolveu cuspir na escarradeira portátil.

É engraçado como a gente esquece das regras. Ela não deveria estar ali. Toda vez que havia um boato de que um grupo de negros iria à nossa igreja no domingo de manhã, o diácono ficava de braços cruzados nos degraus da igreja para não deixar que entrassem. “Nós os amamos no Senhor”, dizia o irmão Gerald, mas eles têm suas próprias casas de oração.

“Hoje é meu aniversário”, eu disse, esperando desviar a atenção dele para outra coisa.

“É mesmo? Meus parabéns, Lily. Quantos anos está fazendo?”

“Catorze.”

“Pergunte se ele pode dar dois desses leques pelo seu aniversário”, disse Rosaleen.

Ele emitiu um som fino, que pretendia ser de riso.

“Se nós déssemos um leque a todos que pedissem, a igreja não teria mais nenhum.”

“Ela estava só brincando”, falei, me levantando. Ele sorriu satisfeito, e foi me acompanhando até a porta, deixando Rosaleen para trás.

Do lado de fora o céu estava cheio de nuvens, e o brilho da luz ofuscou

meus olhos. Depois que atravessamos o pátio da igreja, quando já estávamos na estrada, Rosaleen tirou dois leques do decote do vestido e, imitando o meu ar inocente, disse: “Oh, irmão Gerald, ela estava só brincando”.

Chegamos em Sylvan pela parte pior da cidade. Casas velhas feitas de blocos de cimento. Ventiladores presos nas janelas. Jardins de terra batida. Mulheres com rolinhos rosa na cabeça. Cachorros sem coleiras.

Depois de alguns quarteirões nos aproximamos do posto Esso na esquina da West Market com a Park Street, em geral conhecida como ponto dos homens que tinham muito tempo sobrando na vida.

Eu notei que não havia um só carro abastecendo. Três homens estavam sentados em cadeirinhas ao lado da garagem, com uma peça de madeira compensada nos joelhos. Estavam jogando cartas.

“Tente me vencer”, um falou, e o carteador, de boné na cabeça, jogou uma carta na frente dele. Depois olhou para cima e nos viu, Rosaleen abanando-se e virando o leque de um lado para o outro.

“Olhem o que temos aqui”, ele disse. “Aonde você vai, sua negra?”

Fogos de artifício estouraram à distância.

“Continue andando”, eu disse. “Não ligue para ele.”

Mas Rosaleen, que tinha menos bom senso do que eu imaginava, disse num tom de quem está explicando uma coisa difícil para um aluno de jardim de infância:

“Estou indo registrar meu nome para poder votar, só isso.”

“Vamos embora depressa”, falei, mas ela continuou andando no seu passo lento. O homem ao lado do carteador, com o cabelo liso penteado para trás, pôs as cartas na mesa e disse: “Você ouviu isso? Nós temos uma cidadã-modelo aqui”.

Eu ouvi o som do vento passando pela rua por trás de nós e indo parar na sarjeta. Continuamos andando, mas os homens empurraram a mesa improvisada e foram para a calçada esperar por nós, como se fossem espectadores em uma parada e nós fôssemos a atração.

“Você já viu alguém tão preto?”, disse o carteador.

E o homem do cabelo penteado para trás falou: “Não, e também nunca vi uma pessoa tão gorda”.

É claro que o terceiro homem sentiu-se obrigado a dizer alguma coisa, então olhou para Rosaleen, que continuava imperturbável segurando o leque com a figura da mulher branca, e disse: “Onde você arranjou esse leque, negra?”.

“Eu roubei da igreja”, ela respondeu. Com a maior simplicidade.

Eu desci uma vez de jangada pelo rio Chattooga com meu grupo da igreja, e foi a mesma sensação que tive naquele dia: a sensação de estar sendo levada pela correnteza, por um turbilhão de acontecimentos que eu não podia reverter.

Aproximando-se dos homens, Rosaleen levantou a escarradeira cheia de cuspe preto e calmamente despejou tudo nos sapatos deles, movimentando a mão em círculos como se estivesse escrevendo seu nome — Rosaleen Daise — como tinha treinado.

Durante um segundo eles ficaram olhando aquela meleira parecendo óleo de carro nos sapatos. Piscaram, tentando registrar o fato. Depois nos encararam e vi que a expressão deles passava da surpresa para o ódio, e depois para a fúria. Voaram para cima dela, e tudo começou a rodar. Lá estava Rosaleen, agarrada por eles e empurrada de um lado para outro, sacudindo os homens com seus braços como podia, e eles gritando para que ela se desculpasse e limpasse os sapatos deles.

“Limpem vocês!” Foi só o que eu ouvi, várias vezes. Depois os piados de passarinhos, agudos como agulhas, vindos dos galhos mais baixos das árvores e o cheiro de pinho, nesse momento eu soube que para o resto da vida eu não suportaria aquele cheiro.

“Chame a polícia!”, gritou o carteador para um outro homem.

A essa altura Rosaleen estava estatelada no chão, torcendo os dedos nas moitas da grama. O sangue escorria de um corte abaixo do seu olho, descendo pelo queixo como lágrimas.

Quando o guarda chegou, disse que nós tínhamos de entrar no banco traseiro do seu carro.

“Você está presa”, falou para Rosaleen. “Agressão, roubo e perturbação da ordem pública.” Depois se virou para mim. “Quando chegarmos na delegacia, vou telefonar para seu pai vir buscar você.”

Rosaleen entrou no carro e deslizou pelo banco. Eu deslizei pelo banco também e me sentei ao seu lado.

A porta se fechou. Tão silenciosa que só se sentiu o estalo do ar, e era estranho como um ruído tão tênue como aquele pôde cair sobre o mundo inteiro.